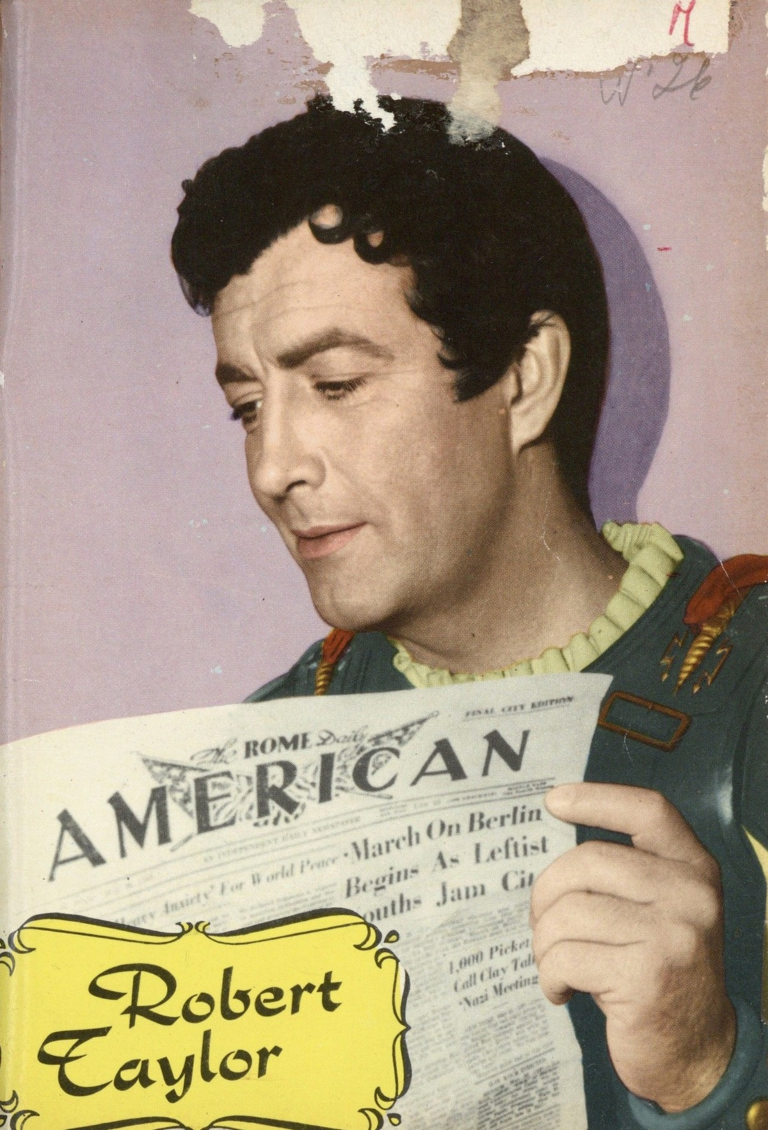

FINAL CITY EDITION
The ROME Daily
AMERICAN
March On Berlin
Begins As Leftist
'Heavy Anxiety' For World Peace
1,000 Picket
Call Clay Talk
Nazi Meeting
Robert
Taylor

ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 26)

Edição de Aguiar & Dias, L.da — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Disrtibuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones: 668639/668684 — LISBOA (Portugal) — Composto e impresso nas oficinas Bertrand (Irmãos), L.da Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa

Robert Taylor

A casa do doutor Spangler Arlinghton Brugh, na povoação de Filley, pertencente ao estado de Nebrasca, era considerada pelos seus vizinhos como o lar da felicidade. O doutor e a sua esposa estavam mùtuamente apaixonados e viviam em plena juventude. Graças ao estudo e ao espírito trabalhador do jovem médico, tinham passado de uma situação modesta para outra de quase dourada prosperidade.

Ruth Stanhope, a esposa do doutor Brugh, chamava a atenção, onde quer que se apresentasse, devido aos encantos da sua beleza. Embora ciumento, como todos os maridos, o médico sentia, não obstante, grande orgulho da sedução que sua esposa exercia sobre todas as pessoas, tanto mais que depositava na sua lealdade uma confiança ilimitada.

Não eram certamente os ciúmes do médico — como os mexeriqueiros de Filley se esforçavam por propagar



o «menino bonito» que se transformou em actor de génio



Antes de emparceirar com Vivien Leigh no celebérrimo filme «A ponte de Waterloo», a que pertencem estas imagens, Robert Taylor já tinha contracenado com cerca de 20 «vedetas» de primeiro plano, entre as quais Jean Parker, Eleanor Powell, Irene Dunne, Janet Gaynor, Maureen O'Sullivan, Joan Crawford, Jean Harlow, Loretta Young e a «divina» Greta Garbo. Contracenara, também, duas vezes com Bárbara Stanwyck, que viria a ser sua esposa, em «Febres Tropicais» e «Barreiras Sociais»

— o que nublava a felicidade do unido casal. Era algo bastante diferente: a falta dos risos e dos choros de uma criança como fruto de um amor sincero e apaixonado.

Felizmente, porém, o destino não tinha negado ainda todas as esperanças ao jovem casal.

Num belo dia de Primavera do ano de 1910, o lar dos esposos Brugh animou-se com o choro estridente de um bebé dotado de esplêndidos pulmões.

— É extraordinário! — exclamaram as vizinhas. — Acaba de nascer e é o vivo retrato de sua mãe. É pena que não seja uma menina!

Moreno, bem proporcionado, com profundos olhos azuis e esplêndidos cabelos ondulados, o pequeno era realmente um belíssimo ser humano. À cabeceira do seu berço, o pai e a mãe fantasiaram os projectos que todos os pais gostam de tecer à volta do nascimento de um filho varão.

— Dedicar-se-á à ciência... Será um grande inventor ou, talvez, um médico famoso!

— Sim, querido, desejaria que fosse médico como tu... Um grande médico...

Baptisaram-no com o mesmo nome do pai: nome — diziam — muito adequado para uma figura





Em 1936, trabalhou pela primeira vez ao lado de Bárbara Stanwyck, que pouco tempo depois viria a ser a sua primeira esposa. O filme tinha o sugestivo título de «Febres Tropicais»...

«...o galã de quem se dizia que era formoso como um deus grego...», desdenhava as mulheres e só se deixava fotografar com as suas colegas de trabalho. Ei-lo com Maureen O'Sullivan, com quem trabalhou nalguns filmes.





Robert Taylor é um apreciador de café desde há mais de 30 anos. Custa a compreender porquê, conhecendo-se as suas inclinações nervosas...



Ao rebentar a guerra, Robert Taylor alistou-se na força aérea naval. Coube-lhe desempenhar o cargo de instrutor de aviação, em que revelou o seu invulgar valor e nobreza de carácter. Ei-lo vestindo o uniforme que marcou uma das mais decisivas etapas da sua vida

de destaque na ciência — Spangler Arlinghton Brugh.

Desde o nascimento do filho, os esposos Brugh não viveram senão para cuidar de todas as coisas que lhe pudessem dar conforto e alegria, ao mesmo tempo que formulavam projectos cada vez mais ambiciosos acerca do seu futuro.

A povoação de Filley era demasiado pequena, demasiado limitada quanto a instituições educacionais. O doutor Brugh acalentava o desejo de se transferir para uma grande cidade, mas as suas condições económicas não lho permitiam. Tudo quanto pôd fazer consistiu em fixar residência em Beatrice no próprio Estado de Nebrasca.

Era uma povoação de 12.000 habitantes, gente simples que se conhecia desde várias gerações. Ali o pequeno Brugh cresceu e se tornou forte como um carvalho, conservando os traços de sua mãe e atraindo poderosamente a atenção de quantos o olhavam. Era inteligente e ladino. O pai levava-o à Faculdade de Medicina. A serenidade com que o pequeno presenciava, na sala de operações, como os estudantes cortavam os cadáveres, causava impressão aos outros médicos. Um dia, como seu pai lhe perguntasse se aquele espectáculo não o incomodava, respondeu despreocupadamente:

— De maneira nenhuma. É divertido ver o que fazem. Só é pena que cheirem tão mal!

Esta saída provocou sonoras gargalhadas ao orgulhso pai, que se convenceu que seu filho tinha nascido, efectivamente, para a ciência.

Spangler Arlington seguia os seus primeiros estudos na escola pública, demonstrando grande aplicação e conquistando galardões e lugares de honra que não o envaideciam, porque o seu carácter simples repudiava todas as manifestações de superioridade.

Mas tinha Spangler realmente vocação e talento para as ciências, como seu pai ansiava?

Um dia, Ruth disse a seu marido:

— Sabes, querido? Parece-me que o nosso filho nasceu para ser artista. Acreditas que me pediu licença para aprender violoncelo nas suas horas livres?

— Violoncelo? — resmungou o médico. Mas como lhe pode ter ocorrido semelhante ideia? Na minha família nunca houve músicos! Para mais, um instrumento tão pesado... Enfim, se for nas horas livres...

Spangler começou, não a estudar, mas logo a tocar violoncelo, com tanta desenvoltura como se não tivesse feito outra



Quando esteve no grande deserto egípcio, junto do Mar Vermelho, a filmar «O Vale dos Reis» com Eleanor Parker e Carlos Thompson, Robert Taylor tirou esta fotografia para o seu álbum de recordações

coisa na sua vida. Não obstante, os seus estudos continuavam de vento em popa.

Nunca lhe faltavam distracções. Para tudo conseguia arranjar um pouco de tempo, graças ao seu espírito metódico.

O tempo ia correndo e Spangler transformava-se numa adolescente sedutor. A sua varonil personalidade chamava a atenção das suas colegas de estudo, com as quais representava no grupo cénico do Colégio.

Quando terminou brilhantemente os estudos na Escola pública de Filley, como prémio e para satisfazer um dos seus mais ardentes desejos, seu pai ofereceu-lhe um «poney». A felicidade de Spangler não teve limites, porquanto sonhava ser um forte e aguerrido «cow-boy». Adorava o campo, a vida sã e primitiva ao ar livre...

Como em Beatrice, Spangler não podia dedicar-se a estudos superiores, seu pai matriculou-o na Universidade de Donae, no estado de Nebraska e mais tarde no Colégio Pomona, na Califórnia.

Nessa altura, a desgraça desabou, pela primeira vez, sobre a família Brugh. Sùbitamente acometido de doença grave, o médico não resistiu ao fatal desenlace, deixando desamparados a esposa e o filho.

Além da dor que enlutava aquele lar, pela perda irreparável do jovem médico, havia um problema dificílimo a resolver: a subsistência de cada dia. A viúva estava desolada. Seu filho Spangler Arlinghton jamais poderia finalizar os seus estudos. Estariam condenados ao malogro as esplêndidas faculdades que o rapaz tinha demonstrado até então? Fosse como fosse, impunha-se a necessidade de ganhar, em qualquer profissão, mesmo manual, a luta difícil pela vida. E Ruth lançou-se ao trabalho com denodo e vontade de triunfar.

O rapaz, por seu lado, não permaneceu inactivo. Sabia tocar violoncelo, cantar e recitar. Porque não havia de ganhar algum dinheiro, com o que até então sòmente lhe tinha permitido divertir os amigos? Sem conhecimento de sua mãe, ingressou no teatro de variedades, como componente de um trio de cantores, que usavam o nome artístico de «Harmony Boys». Era um emprego modesto, mas de que nunca se envergonhou e que viria a recordar, anos depois, com afetuosa ternura pela sua juventude aventureira.

★

Algo inesperado ocorreu então. Algo que o próprio Spangler Arlinghton tinha esquecido, realizou por ele e pelo seu futuro mais do que todos os esforços que mãe e filho estavam levando a cabo.

Tempos atrás, quase por brincadeira, Spangler Arlinghton tinha tomado parte em vários filmes na sua Universidade. Os seus papéis eram pequenos, insignificantes — perdendo-se no conjunto dos outros estudantes. Mas a sua extraordinária e varonil personalidade, destacando-se entre a dos seus companheiros, não passou despercebida a um categorizado «caçador de talentos» de Hollywood, que andava então à procura de novos «astros» para o cinema. Com a persistência e o entusiasmo peculiares dos dirigentes da indústria cinematográfica, esse caçador de talentos tinha investigado os ficheiros de escolas e Universidades, examinando os filmes realizados durante os cursos anteriores, etc.

A beleza e as qualidades físicas do jovem Brugh, chamaram a atenção do «caçador de talentos», que não pôde contemplá-lo com as naturais reservas que se formulam em tais casos.

A carta em que Mister Spangler Arlinghton Brugh era convidado a se apresentar nos estúdios da Metro Goldwyn Mayer, a fim de se submeter a um teste cinematográfico, caíu no lar da viúva Brugh como uma dádiva do céu.

— Estou segura de que alcançarás os píncaros da fama, meu filho. Podes crer que não haverá outro tão bonito como tu. Não pode haver e no cinema nada há mais importante do que a beleza.

— Mas, mamã — replicava o jovem. — Tu continuas a ver-me como se fosse ainda o «menino bonito» da minha infância. Mas torno-me feio por momentos e não te apercebes. E, mesmo bonito que seja, não basta ser bonito para ser um grande artista de cinema.

— Tu serás um grande actor, podes crer... És artista por natureza! Sempre o disse a teu pai. Nas comédias da Universidade revelaste os teus dons como actor... Vê como agora te «descobriram»...

Os companheiros e os amigos de Arlinghton Brugh não era tão optimistas como a mãe do jovem. Na verdade, nos últimos tempos, o rapaz tinha perdido muito da sua personalidade. A sua figura era a mesma, o seu rosto e as suas expressões possuiam a correcção de sempre, mas... as privações, a angústia, o trabalho excessivo e esgotante, tinham-no enfraquecido rápida e extraordinàriamente.



As viagens ao estrangeiro sucederam-se. Quando a «Metro» decidiu produzir «Quo Vadis», em Roma, Robert Taylor obteve o papel de Marcus Vinicius. Ei-lo à entrada dos famosos estúdios da Cinecitta, onde teve lugar a rodagem do filme

— Não tenhas demasiadas ilusões... Será difícil aceitarem-te. Estás demasiado fraco. Olha com te fica o casaco. Parece que tem dentro uma vara...

Apesar de tudo, o jovem estava decidido a enfrentar a prova.

— Que me importa estar magro? As estrelas femininas exigem uma silhueta fina... Pelo menos, não me falta essa qualidade. Mesmo sem o saber, estive a preparar-me para este teste cinematográfico...

Mas a verdade era que não reunia todas as condições necessárias.

Antes de sair de casa, para se dirigir ao estúdio, vestiu três camisolas de lã, para que o casaco não parecesse tão dentro de uma vara. Olhou-se ao espelho. Sim, agora estava melhor. Parecia mais forte, mais robusto.







Roma

e Deborah Kerr abriram-lhe uma nova vida...

Em «Quo Vadis», Deborah e Robert viveram com grande realismo o trágico idílio entre Marcus Vinicius e a bela Lygia. Certamente impedidos por mútua simpatia, tornaram-se amigos e companheiros inseparáveis, como atestam as imagens desta página, colhidas por um fotógrafo indiscreto, e pelas quais ficamos a saber que os dois simpáticos artistas, não só estudaram em conjunto os seus papéis, como também deram juntos os seus passeios pela antiga Roma.

Não resta já dúvidas a ninguém que a estadia de Robert Taylor em Roma lhe abriu as portas de uma nova vida.

Quando Bárbara, sentindo saudades, partiu de Hollywood para Roma, ele recebeu-a friamente, sem o entusiasmo de outrora e sem os arroubos de galã romântico a que sempre a habituara.

Robert Taylor deve a Roma e a Deborah Kerr a liberdade que recuperou...

Ao chegar ao «set», porém, achou-se sob os potentes focos e compreendeu que não poderia resistir ao calor. Começou a transpirar horrìvelmente. Devido ao suor que lhe corria pela testa, o caracterizador viu-se obrigado a retocar-lhe a maquilhagem a cada instante. O pobre homem estava verdadeiramente perplexo.

— Mas que sucedeu? — gritou, por fim, a voz irritada do director da prova. — Na minha vida nunca vi ninguém tão nervoso, meu rapaz.

Num fio de voz, o «rapaz» respondeu dèbilmente:

— Tenho vestida uma camisola de lã e não posso resistir ao calor...

— Mas quem lhe disse para vir assim para uma prova cinematográfica?

Solícito, apesar dos seus modos bruscos, o próprio director acompanhou o novato até um camarim para que se despisse da camisola que tanto o incomodava. Mas qual não seria o seu espanto , quando descobriu que o rapaz trazia, sob a camisa, não uma camisola... mas três...

Brugh não teve mais remédio do que confessar a verdade.

— Como ùltimamente tenho andado fraco, fiquei receoso de não servir devido à magreza. O casaco é antigo... e não me assenta bem.

O director desatou a rir e, já sem mau humor, condescendeu em repetir a prova do actor — em mangas de camisa!...

Quando os directores da Metro assistiram à exibição do teste cinematográfico do jovem Spangler Arlinghton, não o encontraram tão fraco como ele se considerava a si próprio e os amigos lhe deitavam em cara.

A figura de Robert Taylor — com o seu metro e oitenta e três de altura e os seus 81 quilos de peso — permite-lhe encarnar os mais diversos géneros de papéis. Mas, mais do que todos os outros, os personagens históricos assentam-lhe como uma luva. Ei-lo na sua magnífica interpretação de Marcus Vinicius





Em «Honra e Segredo», Robert Taylor actuou novamente ao lado de Eleanor Parker, o que aumentou os boatos acerca de um possível romance de amor. O filme focava a história do coronel Pane Tibbets, o aviador escolhido para lançar a primeira bomba atómica em Hiroshina

Dias depois da assinar um contrato provisório com a Metro, Spangler ainda tinha bastante febre devido ao resfriamento que apanhara...

★

A sorte de ser actor de cinema, como todos os sonhos transformados em realidade, não deixou de lhe causar preocupações e dores de cabeça. Sobretudo por sua mãe, que julgava ter superado a fase das pequenas e grandes complicações inerentes a uma família desamparada pela falta do seu chefe.

Como nada existe que se consiga sem disciplina, sem esforço, sem luta e até sem dores, em certa manhã de Fevereiro do ano de 1934, a viúva Brugh discutiu acaloradamente com seu filho:

— O que me propões é espantoso. Como podes pensar, assim tão friamente, em renegar o nome de teu pai? Não é apenas um nome honrado, é, também, um nome ilustre. Teu pai sempre sonhou que serias tu quem...

— Mas, mamã, por Deus! O pai e tu pensavam que eu seria cientista e não actor. Mas agora







Após longos anos de ausência Robert Taylor voltou à Inglaterra, desta vez para filmar «Ivanhoe», de Sir Walter Scott, nos locais autênticos onde se desenrolou a história. A seu lado actuaram duas actrizes belas e famosas: Elizabeth Taylor e Joan Fontaine

as coisas são diferentes. E tanto assim que no estúdio já me informaram que o meu nome é horrível para o de um actor de cinema.

— Sinto o coração destroçado ouvindo-te falar assim, meu filho — exclamou a senhora, a quem os múltiplos desgostos suscitavam uma irrefreável tendência para converter em drama qualquer contrariedade da vida.

— Vamos, mamã, não exageremos. Não é caso para te pores assim. De resto, não sou eu quem considera horrível o meu nome, que aprecio tanto como tu e que me esforço por honrar. Como cidadão dos Estados Unidos, como teu filho e do doutor Brugh, continuarei a ser Spangler Arlinghton Brugh. Mas não poderei usar o meu nome na vida artística, porque, desenhando um cartaz de publicidade ou pronunciado pelos lábios de uma criança ou qualquer estrangeiro, resultaria difícil e ridículo...

— Sim, filho, compreendo... Mas desagrada-me. É como se renegasses quem te deu o ser.

— Não renego nada, mamã — explicou Spangler, com paciência. — A Metro Goldwyn Mayer — imagina! — uma das mais importantes companhias da indústria cinematográfica — é que se nega, em absoluto, a assinar o contrato definitivo se eu não trocar o meu verdadeiro nome por outro à sua escolha. Isto figura no contrato! Sabes o que é um contrato, mamã? Até agora, pode dizer-se que não o tive. Ninguém na realidade, sabe quem sou nem como me chamo, nem sequer que cara tenho. Sou um actor que se empresta e que se aluga a um estúdio e a outro e cujo rosto se pode desfigurar conforme os caprichos do caracte-



Os filmes de «cow-boys» agradam extraordinàriamente a Robert Taylor, que só ao fim de longos anos pôde satisfazer o seu sonho de ser «herói do Oeste». Entre os seus filmes deste género, citam-se «Armadilha», com Arlene Dahl, «O caminho do Diabo» com Paula Raymond, «Caravana de Mulheres», com Denise Darcel, e «A bela e o renegado», a que pertence esta imagem e onde se reconhecem, além de Robert Taylor, Ava Gardner e Anthony Quinn

rizador. O meu nome nos cartazes não tem a mais pequena importância.

— E com que nome pensam baptisar-te eses senhores?

— Eles propõem-me o de Robert Taylor... Mas se não te agrada...

A mãe encolheu os ombros...

— O meu desgosto é que tenhas de perder o teu nome. O resto, pouco me importa!

★

Foi assim que Spangler Arlinghton Brugh se converteu em Robert Taylor. A princípio, adoptou-o apenas como nome artístico, mas pouco depois esqueceu definitivamente o seu nome anterior, riscando-o de todos os actos da sua vida.

Sua mãe, contudo, não transigiu senão em troca de certas concessões.

— No fim de contas, meu filho — exclamou, pondo fim a uma longa série de discussões — chama-te como quizeres... ou como quiserem os teus patrões... Mas, promete-me uma coisa... Que nunca voltarás atrás no caminho tão nobremente empreendido. Não deixes de estudar, pelo menos até que completes o curso e obtenhas um título na Universidade. Já sabes que era o sonho de teu pai. Se a sua morte interrompeu os teus estudos, agora que ganhas muito dinheiro podes continuá-los.

O jovem prometeu tudo quanto sua mãe quis. Ao fim e ao cabo, ele acalentava também o desejo de estudar.

Assim, enquanto trabalhava nos estúdios, sob o contrato da Metro, continuou a frequentar a Universidade, até completar o curso com elevada classificação.

A Metro cedera-o, a título de empréstimo, a outro estúdio, permitindo-lhe desempenhar o seu primeiro papel no filme «Handy Ardy», com Will Rogers no protagonista. Quase imediatamente, conferiram-lhe outro papel insignificante em «Quando o amor morre», também à margem das actividades da Metro. Quando, finalmente, lhe coube a oportunidade de filmar para a «Marca do Leão», a alegria do novel actor não conheceu limites. Sua mãe, os seus amigos e, sobretudo, as suas amigas, ficaram entusiasmados.

— Chegou agora a tua hora, Bob! Nos pequenos papéis que tens interpretado, apenas vimos a tua presença no écran. Agora vai ser diferente! Oh, Bob...

Já o tratavam assim com o diminutivo do seu novo nome. Robert Taylor, também estava entusiasmado. Em qualquer parte dos Estados Unidos, onde quer que estivesse, a adorável garotita que tinha sido o seu primeiro amor nos tempos de escola, poderia vê-lo e admirá-lo como um verdadeiro astro do cinema. Já não se recordava do seu nome. Sabia penas que era a filha do professor de ginástica do colégio e que, honrando a profissão de seu pai, corria como uma gazela. Corria tanto que... desaparecera da sua vida sem deixar rasto.

Gostaria que ela o admirasse — ela e as outras... Sucedeu, porém, que o primeiro papel de Robert para a Metro teve lugar numa curta-metragem «Tesouro enterrado», da série «Crime e Castigo», encarnando a figura de um criminoso, cujas feições tinham sido espantosamente desfiguradas por um ácido... Para levar a efeito o seu trabalho, o caracterizador inspirou-se nas famosas máscaras de Lon Chaney e Boris Karloff... Se a filha do professor de ginástica, tivesse ido ver o seu antigo pretendente num cinema algures nos Estados Unidos, certamente que não o reconheceria, naquele rosto tão desfigurado.

Apesar de tudo, a curta-metragem «Tesouro enterrado» constituiu o ponto de partida da carreira de Bob. Um dilúvio de cartas dos cinéfilos



Antes de actuarem em «A bela e o renegado», Ava Gardner e Robert Taylor já tinham trabalhado em «O veneno dos trópicos», um drama tropical de paixão e violência. Mas, por muito que cause espanto, os mexeriqueiros de Hollywood não ousaram referir-se a qualquer possível romance...





O género policial figura na carreira de Robert Taylor com uma percentagem importante dos seus 70 filmes. Eis o versátil actor em «Pecado e Redenção» um filme com mais três artistas de nomeada: Janet Leigh, George Raft e Anne Francis

americanos demonstrou que a sua actuação e a sua personalidade tinham agradado ao grande público.

A sua segunda actuação no cinema levou-o a vestir a bata branca de um médico no filme «Médicos de Hoje» («Society Doctor») em cuja interpretação pôs muito do seu antigo ideal de chegar a ser um homem de ciência. Devido ao êxito da película, os directores da Metro compreenderam que tinham nas mãos os destinos de um futuro grande actor.

Uma nova vida se abria para Robert Taylor , o galã de quem se dizia que era «formoso como um deus grego». Todos os dias , chegavam aos estúdios milhares de cartas, quase todas de mulheres.

Nos primeiros tempos, Bob encolhia os ombros ou ria-se muito. Mostrava as cartas a sua mãe (as que podia mostrar, naturalmente) e juntos traçavam projectos para o futuro, esquecendo as loucas fantasias das suas admiradoras.

Mulheres, mulheres, mulheres... As suas aventuras, próprias da juventude, não eram nunca estáveis, nem sequer prolongadas, o que lhe causava fama de inconstante e caprichoso com as mulheres. Não se tratava, porém, de «don juanismo», mas sim de uma profunda insatisfação. Educado num ambiente muito diferente daquele em que vivia na meca do cinema, aspirava a um amor verdadeiro, a uma felicidde caseira e segura. Desejava, em suma, poder encontrar uma alma gémea que o acompanhasse.

Muitas vezes encontravam-no pensativo, abstracto. Em certa ocasião, falando com Clark Gable, com quem tinha travado uma sincera amizade, desabafou tudo o que ocultava dentro de si:

— Na realidade, não estou tão satisfeito como se poderia pensar, por ter conquistado o êxito tão cedo. Creio que teria ganho um pouco mais de experiência se tivesse atravessado um período mais comprido de luta e sacrifício.

— Não pretendes convencer-me — replicou Clark — que te desagradam absolutamente as reuniões, os «cocktails», a pompa e o luxo de um homem admirado pelas mulheres?...

— Não me interesso por tais coisas. Se estou satisfeito por alguma coisa, é por ter vivido uma infância normal e de me ter educado numa cidade pequena, conservando o entusiasmo suficiente para completar os meus estudos fora do cinema. Quanto às mulheres ..

— Quanto às mulheres, o quê?

— Creio que o amor é um problema íntimo, que nada tem a ver com exibições e espectáculos. Já lhes dou os amores dos meus personagens, mas os meus quero-os só para mim, embora em Hollywood seja difícil manter esta posição.

— És ainda um pouco ingénuo, Bob... Não compreendeste ainda a vida de Hollywood...

— Sim, creio que tens razão. De resto... Há um ponto negro na minha carreira e na minha vida. Horroriza-me ser sempre o «menino bonito» do cinema. O «menino bonito» e nada mais... Para dizer a verdade, se me deixassem escolheria os papéis de vaqueiro...

Apesar de tudo, Bob não tinha esquecido os seus sonhos de menino, quando cavalgava feliz pelos campos, montado no «poney» que seu pai lhe oferecera.

★

Negaram-lhe, contudo, papéis de vaqueiro. O público admirava-o como galã romântico, devido à sua figura, à sua personalidade e à sua maneira de actuar. Era evidente, contudo, que havia em Robert, além do homem fìsicamente dotado, um genuíno e talentoso actor, como veio a demonstrar em 1936, ao encarnar o protagonista masculino de «Sublime tentação», com Irene Dunne.

O cinema, ocupara, porém, naquele ano, um lugar decisivo para a existência do jovem Robert, levando-o a conhecer uma mulher que desde o primeiro momento o enfeitiçou.

A opinião de Robert Taylor acerca de Barbara Stanwyck

«Hollywood deu-me muitas coisas boas, magníficas e inesquecíveis. Entre elas encontra-se o meu casamento com Barbara Stanwyck. Barbara é uma excelente mulher e estou certo que jamais teria encontrado alguém semelhante se tivesse ficado na minha casa de Filley, a terra onde nasci. Um dos primeiros filmes em que desempenhei papéis principais, foi precisamente ao lado de Barbara: «Febres tropicais» (1936). Seria impossível expressar o que devo a ela. E nem metade do meu êxito teria logrado se não fosse a sua ajuda, os seus ensinamentos e as próprias lições do que Barbara tinha aprendido durante a sua carreira, através de muito trabalho e árduos esforços. A sua admirável comprensão e a felicidade que soube dar-me, são coisas que jamais esquecerei. O que lamento mais em toda a minha vida desde que fui viver para Hollywood é que o nosso casamento não tenha podido perdurar.

O meu divórcio custou-me uma fortuna. Segundo a sentença do tribunal, a que me submeti sem interpor recurso, entreguei a Barbara a casa onde vivíamos, no valor de 200.000 dólares, e actualmente deposito em seu nome 15 por cento sobre a minha renda anual. Mas não me arrependo, nem lastimo, tudo quanto me recorda o nosso casamento».

ANOS	TÍTULOS PORTUGUESES	TÍTULOS ORIGINAIS	ARTISTAS
1934	Handy Hardy	(Handy Hardy)	Marie Carlisle
	Águias de Aço	There's Always Tomorrow	Virgínia Weidler
		(A Wicked Woman)	Mady Christians
1935	Médicos de Hoje	(Society Doctor)	Virgínia Bruce
		(Times Square Lady)	Virgínia Bruce
	Um crime na Armada	(Murder in the Fleet)	Jean Parker
	Maravilhas de 1936	(Broadway Melody of 1936)	Eleanor Powell
1936	Sublime Expiação	(The Magnificent Obsession)	Irene Dunne
	Uma pequena da província	(Small Town Girl)	Janet Gaynor
	Águias de Aço	(West Point of the Air)	Maureen O'Sullivan
	A Alegre Locandeira	(The Gorgeons Hussy)	Joan Crawford
	Febres Tropicais	(His Brothers Wife)	Bárbara Stanwyck
	A Dama das Camélias	(Camille)	Greta Garbo
		(Private Number)	Loretta Young
1937	O «meu» criado	(Personal Property)	Jean Harlow
	Barreiras sociais	(This is My Affair)	Bárbara Stanwyck
1938	Maravilhas de 1938	(Broadway Melody of 1938)	Eleanor Powell
	O estudante de Oxford	(A Yank at Oxford)	Maureen O'Sullivan
	Três camaradas	(Three Comrades)	Margaret Sullivan
	A multidão vibra	(The Crowd Roars)	Margaret O'Sullivan
1939	Escravo Branco	(Stand Up and Fight)	Florence Rice
		(Lucky Night)	Myrna Loy
	A Dama dos Trópicos	(Lady of the Tropics)	Hedy Lamarr
		(Remember?)	Greer Garson
1940	A ponte de Waterloo	(Waterloo Bridge)	Vivien Leigh
		(Escape)	Norman Shearer
1941	Patrulha das Águias	(Flighty Command)	Ruth Hussey
	Billy, o vingador	(Billy the Kid)	Mary Howard
	Quando elas se encontram	(When Ladies Meet)	Greer Garson
1942	Vidas Queimadas	(Johnny Eager)	Lana Turner
		(Her Cardboard Lover)	Norma Shearer
	Torpedeado	(Stand by for Action)	Charles Laughton
1943		(Youngest Profession)	Virgínia Weidler
1944	Os heróis de Bataan	(Bataan)	Thomas Mitchell
1946	Balada Oriental	(Song of Russia)	Susan Peters
1947	Estranha revelação	(Undercurrent)	Katherine Hepburn
1948	Muro de Trevas	(High Wall)	Audrey Totter
1949		(The Secret Land)	(Documentário)
	O veneno dos Trópicos	(The Bribe)	Ava Gardner
	Armadilha	(Ambush)	Arlene Dahl
1950	Traidor	(The Conspirator)	Elizabeth Taylor
	O caminho do Diabo	(Devil's Doorway)	Paula Roymond
1951	Quo-Vadis	(Quo Vadis)	Deborah Kerr
	Caravana de Mulheres	(Westward the Women)	Denise Darcel
1952	Ivanhoe	(Ivanhoe)	Elizabeth Taylor
	Honra e segredo	(Above and beyond)	Eleanor Parker
	A bela e o renegado	(Ride Vaquero)	Ava Gardner
1953	Gosto do rapaz	(I Love Melvin)	Debbie Reynolds
	Todos os irmãos eram valentes	(All the Brothers Were Valiant)	Ann Blyth
1954	Os cavaleiros da Távola Redonda	(Knights of the Round Table)	Ava Gardner
	O vale dos Reis	(Valley of the Kings)	Eleanor Parker
	Fugitivo do Amor	(Many Rivers to Cross)	Eleanor Parker
1955	Pecado e Redenção	(Rogue Cop)	Janet Leigh
1956	A coroa e a espada	(Quentim Durward)	Kay Kendall
	A última caçada	(The Last Hunt)	Debra Paget
	6 de Junho — Dia D	(D Day, the Sixth June)	Dana Wynter
	Os grandes deste mundo	(The Power and the Prize)	Elizabeth Muller
1957	Contrabando no Cairo	(Tip on a dead jockey)	Dorothy Malone
	Irmão contra irmão	(Saddle thenind)	Julie London
1958	Duelo na Cidade Fantasma	(The Law and Jake Wade)	Richard Widmark





Robert Taylor
e os desportos

Cônscio da necessidade de defender as suas qualidades físicas, Robert Taylor praticou sempre várias modalidades desportivas. Nesta página, vêmo-lo entregue ao prazer de três desportos distintos: o golfe, o ténis e a caça



1) Por volta de 1940, Robert saía todas as manhãs de casa, acompanhado do seu amigo Gene Raymond, a fim de praticar o golfe. O desporto que o atraiu desde a sua estadia na Inglaterra, onde filmou «O estudante de Oxford», com Vivien Leigh

2) O ténis, desporto violento que põe à prova todas as qualidades do corpo humano, constituiu durante anos passatempo favorito de Robert Taylor

3) Actualmente o actor, dedica-se à caça. Ei-lo acompanhado pelo perdigueiro Wacky, na granja que possui em Palmdale, na Califórnia



Ursula e Bob — dois astros serenos e felizes

O encontro deu-se no famoso «Night--Club Trocadero», sob a luz suave e os acordes da música em surdina. Como tantas vezes sucedera, Bob encontrava-se ali quase como mero espectador — fatigado e aborrecido. De repente, numa mesa onde havia muita gente, muito ruído e muita animação, os seus olhos divisaram um pequeno rosto feminino, correcto, de expressão severa e olhar profundo e penetrante. Quem seria? Contemplou-a largamente e, por momentos, julgou não lhe ter passado despercebido. Contudo, aquela mulher não se insinuava, como tantas, como quase todas, diante da sua presença. Isto incutiu-lhe ainda mais interesse. Mas ante a mensagem cálida que lhe enviavam os ardentes olhos de Bob, a desconhecida sorriu levemente e desviou a cabeça para o lado.

Para outro menos tenaz ou menos acostumado a ver rendidas a seus pés as mais belas mulheres, a indiferença manifestada pela desconhecida, com o seu gesto desanimador, podia ter sido o fim. Robert, pelo contrário, sentiu-se ainda mais disposto a não sair dali naquela noite, sem ser apresentado à beldade. Sem pensar um instante, dirigiu-se a um amigo:

— Conheces por acaso aquela maravilhosa ruiva de pele dourada que está no centro daquela mesa?

O interpelado olhou-o com assombro.

— Gracejas, não? Ou queres rir-te de mim? Não queres convencer-me de que não conheces Barbara Stanwyck...

Realmente, Bob tinha ouvido aquele nome muitas vezes. Mas não conhecia a estrela. Levava sempre uma vida um pouco retraída e o cinema aborrecia-o — a não ser quando se exibiam filmes de «cow--boys» ou de Tarzan, o seu astro favorito.

Estava verdadeiramente aturdido. Mas a atracção pode mais que o espanto. Vencendo a sua inata timidez, acercou--se da mesa e dirigindo-se à ruiva, convidou-a para dançar.

— É Barbara Stanwyck, não é verdade? — perguntou ele enquanto dançavam ao som de uma valsa.

— Sou, sim. E você é Robert Taylor. Como foi possível que nunca nos conhecessemos antes?

— Isso digo eu. Como foi possível? O mundo do cinema é tão pequeno! — acrescentou Bob, que não desfitava a sua companheira.

As únicas frases que trocaram naquela noite foram tão banais, quase tão estúpidas como estas. Na realidade, travaram apenas um conhecimento fugaz. A estrela parecia obstinada em demonstrar uma indiferença que certamente não sentia, uma frivolidade que não correspondia inteiramente ao seu carácter e aos seus sentimentos.

Desde aquele noite, Robert não viveu senão para continuar aquela amizade apenas iniciada. Três semanas mais tarde, como se celebrasse nos Estúdios uma festa em honra de Barbara, Bob logrou ser convidado e não se afastou um momento da homenageada.

Bailaram juntos toda a noite, com grande oposição dos outros galãs. Mas, quem podia competir com o ardente Bob? Aos acordes da louca música, dois corações batiam, sem dúvida, ao mesmo ritmo. Um sorriso algo irónico abria os lábios da ruiva. A verdade era que nunca tinha bailado com um homem tão belo... nem tão tímido. Em vão ela procurava animar a conversa. E em vão tentava ele recordar todas as belas frases, todas as apaixonadas expressões que durante algumas semanas tinha arquitectado e até escrito com a intenção de proferi-las na primeira ocasião em que se encontrassem juntos.

— Gosta de música? — perguntou Bárbara.

— Oh, sim... Entusiasma-me. Especialmente as rapsódias húngaras... Ah! E as valsas de Strauss... Sabe de uma coisa? Quando era criança estudei música... Tocava violoncelo...

— Violoncelo? Oh, que engraçado...

— Ainda guardo o instrumento em casa, cuidadosamente tapado. Talvez um dia volte a tocá-lo... Nas férias...

Mas, apesar do entusiasmo que ela punha nas suas palavras, a conversa acabava por arrefecer. Não porque Bob se sentisse pouco entusiasmado e feliz na sua companhia. Mas porque a personalidade de Bárbara, mais do que admiração, lhe infundia respeito.

— Gosta de viajar? — voltou Bárbara a perguntar.

— Sim, adoro as viagens... Sobretudo gostaria de conhecer Paris... Seria maravilhoso fazê-lo consigo...

— A sério, Bob?

Mas o entusiasmo do jovem actor não passou daquele momento.

Quando a festa terminou, não tinha proferido a Bárbara nenhuma das românticas frases tão cuidadosamente alinhavadas durante largo tempo. Não tinha proferido nada que nem de longe se assemelhasse a uma declaração. Bárbara estava um pouco desiludida.

Contudo, quando Bob lhe propôs saírem juntos, não recusou o convite.

A partir de então, tornaram-se companheiros inseparáveis em todas as festas de Hollywood. Iam com frequência comer a casa de Marion e Zeppo Marx, grandes amigos de Bárbara. Os caçadores de romances asseguravam que havia um romance entre ambos.

Bárbara, contudo, mostrava-se ainda reservada, para o que, aliás, não lhe fal-

Em toda a parte onde quer que esteja, Robert Taylor acolhe simpàticamente os caçadores de autógrafos





«Os cavaleiros da Távola Redonda» — o primeiro filme de Robert Taylor em cinemascope — deu-lhe a oportunidade de actuar novamente ao lado de belíssima Ava Gardner. Mas ainda desta vez ninguém falou de romance...

tavam motivos: durante semanas e semanas de estreita convivência, não tinha ouvido dos lábios de Bob nem uma só palavra de amor.

Em fins de 1937, Bob foi chamado a Londres para filmar «O estudante de Oxford» (A Yank Oxford), que constituiria um dos seus grandes êxitos.

Embora o caminho da fortuna estivesse a seus pés, Bob encontrava-se demasiado preocupado para se aperceber da sua extraordinária sorte.

Absorto numa ideia fixa, que o perseguia a todos os momentos, não respeitava as instruções dos realizadores, nem as observações dos chefes de produção. Estava e não estava no «plateau». Um dia, finalmente, decidiu libertar-se de todo aquele peso.

Para o acto mais decisivo da sua existência Robert escolheu o telefone. Não era por originalidade, mas por exigência das circunstâncias. Depois de muitos ensaios laboriosos e esgotantes, pediu ligação para Hollywood. Não a obteve em seguida, naturalmente. Enquanto aguardava que lhe respondessem dos Estados Unidos, o seu nervosismo fazia-lhe esquecer a fórmula estudada da declaração



Ao cabo de 23 anos, a «Fox» conseguiu que a «Metro» lhe cedesse, pela primeira vez, Robert Taylor para desempenhar a figura de um brioso militar em «Dia D — 6 de Junho» com a novel actriz Dana Wynter





Por fim, quando ouviu no outro lado do fio a ansiada voz feminina que, com insistência, o convidada a dizer algo, Bob tinha esquecido por completo as floridas palavras da sua declaração.

Quase sem saber o que dizia, tartamudeou o pedido de casamento:

— Bárbara, minha querida, responde-me por favor: queres casar comigo?

— Há quanto tempo que não desejo outra coisa, meu querido.

Logo que terminou o seu trabalho nos estúdios britânicos, Bob voou para os Estados Unidos para se casar com Bárbara a 14 de Maio de 1939.

★

A felicidade conjugal não podia ser mais perfeita. Bob adorava a esposa e não mostrava qualquer tendência para lhe ser infiel. Por seu lado, Bab (diminuitivo carinhoso por que a tratavam na intimidade) estava absolutamente convencida de que não podia ter encontrado um marido tão maravilhoso.

Após o casamento, ninguém soube mais o que faziam ou onde

viviam. Não se deixavam acompanhar por ninguém, nem se preocupavam com outra coisa que não fosse a mútua admiração que professavam. Bárbara, apesar da atracção que Bob exercia sobre as mulheres, vivia num mundo distante dos ciúmes que sentem todas as esposas quando os maridos se demoram no trabalho.

Na realidade, não tinha motivos para isso... No cinema, sim, as coisas eram diferentes: Robert conquistava o amor de mulheres verdadeiramente formosas: Greta Garbo, Greer Garson, Norma Shearer, Lana Turner, Jean Harlow, Janet Gaynor, Susan Peters, Vivien Leigh, Loreta Young, Heddy Lammarr, Ava Gardner, Elizabeth Taylor... A carreira de Robert ia subindo ràpidamente e tinha já no seu activo uma numerosa lista de filmes: «A ponte de Waterloo», «A dama das camélias» (em que encarnou o Armando ideal perante a divina «dama das camélias»: Greta Garbo), «Os heróis de Bataan», «Três camaradas», etc.

Bárbara era ciúmenta. As primeiras dificuldades que surgiram entre ambos nasceram de outro aspecto do seu carácter. No princípio, tanto ele como ela esqueciam as pequenas contrariedades, graças a um mútuo sentido de humor. Ambos sabiam aceitar perfeitamente todas as ironias.

Certa noite, ao visitar a casa de pessoas amigas que os tinham convidado para um jantar, ficaram bastante encantados com a original decoração do «hall». Era, realmente, algo novo e diferente. O decorador tinha utilizado uma feliz combinação de plantas trepadeiras colocadas em caixas de violinos velhos. Depois do jantar houve baile, e quando os esposos Taylor chegaram a casa era uma hora bastante avançada da noite.

Robert dirigiu-se apressadamente à arrecadação e tirou de lá o seu violoncelo. Perante os olhos atónitos de Bárbara, limpou-o do pó acumulado durante o período em que estivera encerrado.

— Que fazes? — perguntou Bárbara. — Que ideia tiveste? Não pretendes certamente tocar violoncelo a estas horas...

Ele sorriu irònicamente:

— Não, querida. Mas esta noite surpreendi um certo brilho perigoso nos teus olhos, enquanto contemplavas as trepadeiras dos nossos amigos... E decidi resgatar o meu violoncelo do esquecimento, para não correr o risco de vê-lo qualquer dia convertido em adorno do «hall»...

Bárbara não pôde evitar o riso. Mas a verdade era que se tivesse querido converter em adorno do «hall» o violoncelo de seu marido, já o teria feito sem que alguém pudesse impedi-la.

De resto, a coragem e a decisão eram a nota predominante do carácter de Bárbara. Apesar da sua aparência de mulher frágil e débil, cabia-lhe a direcção da vida conjugal, porque Bob não possuía um verdadeiro espírito varonil — era tímido.

Assim, quando iam juntos a qualquer parte, era sempre Bárbara quem primeiro chamava a atenção, embora fosse menos admirada como mulher do que Bob como homem. A verdade era que chamava a atenção, especialmente pelos seus modos dominantes, pela sua segurança e pela sua maneira quase brusca de se expressar. Durante muito tempo, Bob defendeu a felicidade conjugal cedendo o cetro a Bárbara. Ela era a «rainha» em casa dos Taylor.

Se os fins justificam os meios, o «fim» de ser maritalmente feliz justificava plenamente a quase total anulação de Robert na vida íntima e no seu papel de «príncipe consorte». Enquanto Bárbara dirigia a casa e dispunha de tudo o que pertencia a ambos, ele deixava-se conduzir, sentindo-se protegido e feliz. Mas era inegável que muitas coisas os separavam. A sua felicidade não correspondia à perfeita harmonia que tinham vislumbrado na noite do primeiro baile. Muitas vezes discutiam por coisas insignificantes.

— Mas, Bab, porque não gozas a vida um pouco mais? Porquê essa tua ânsia de trabalhar, trabalhar sempre?

— É a principal razão da minha vida, querido — respondia Bárbara.

— Mas, amor, também gostas de te divertir...

— O meu maior divertimento é trabalhar... — respondia ela, obstinadamente.

Bob não podia pensar da mesma maneira. Na sua opinião, o cinema era uma actividade como outra qualquer, que necessitava de uma compensação, como caçar, pescar, ou viajar — especialmente de avião...

Voar! Subir até à imensidão azul do céu, experimentando a fascinante sensação de tocar as nuvens com as mãos! Nada se comparava, para Bob, ao prazer de viajar pelo espaço...

Cada um dos cônjuges tinha o seu automóvel próprio. Bárbara não gostava do carro do marido, sem grande aparência exterior, apenas com o espaço suficiente para transportar os seus cães de caça e o necessário para fazer campismo. Por seu lado, Bob odiava o elegante e pomposo «Cadillac» de sua esposa.

— Conduzes a demasiada velocidade, querida — observava ele.

— Como te atreves a falar de ve-



O destino voltou a reunir Robert Taylor e Eleanor Parker, pela terceira vez, em «Fugitivo do Amor», uma história típica do Oeste, apresentada sob a forma de sátira e em que as mulheres impunham aos homens o seu ponto de vista em questões de amor



locidade, tu que passas metade do tempo fazendo roncar o teu avião entre as nuvens? — replicava Bárbara, em tom dominador.

As discussões tinham-se tornado mais frequentes desde que Bob comprara uma avioneta, que utilizava a seu prazer. Era uma maneira de se afastar de Bab, devido ao medo que ela tinha de voar.

Sempre que ele a convidava para voar, ela mantinha-se na negativa:

— Já sabes que sou conservadora. Prefiro o automóvel e até o comboio, quando preciso muito de viajar...

A fortuna do jovem casal, devido aos seus crescentes êxitos, era já evidente. Tinham adquirido um rancho fora da cidade, o que permitia a Bob voltar aos dias felizes da sua infância quando cavalgava pelos campos, imitando os seus admirados «cow-boys». Bob tinha uma grande paixão por animais. Daí a insistência em adquirir cães e cavalos, o que Bárbara censurava àsperamente.

Certo dia, Bob, acompanhado por quatro amigos e um par de cães, saiu para caçar. Utilizando a avioneta recém-adquirida, a equipa viajou para o local escolhido. Era um lugar onde abundava a caça, mas Bob e os seus amigos aguardaram em vão durante uma semana que aparecesse por ali qualquer faisão — o seu principal objecto de caça. Cansados de esperar, decidiram regressar à fazenda de Robert Stack. Mas, no caminho, surpreendidos por uma tempestade de vento e neve, viram-se obrigados a fazer uma aterragem forçada.

Quando, por fim, após várias peripécias e aventuras, regressaram a casa de Bob, com uma reduzida provisão de vulgaríssimos patos, Bárbara esperava-os, com um suculento jantar de boas-vindas, em que predominava o faisão assado. No centro, à laia de decoração, destacava-se um «bouquet» formado pelas belíssimas penas da própria ave...

Era verdadeiramente uma partida digna da rainha do lar dos Taylor.

★

Quando, tempos antes da entrada dos Estados Unidos na segunda Guerra Mundial, Robert tomou contacto pela primeira vez com a aviação durante a rodagem de «Patrulha das Águias» (Flighty Command), com Ruth Hussey; e quando, mais tarde, adquiriu a sua preciosa avioneta particular para satisfazer a sua paixão pelo espaço, estava bastante longe de supor que um dia seria aviador militar.

Com efeito, ao ser mobilizada a aviação dos Estados Unidos para participar no conflito, Robert alistou-se na força aérea naval, vindo a prestar serviço justamente como instrutor de aviação da Marinha norte-americana, onde a sua conduta se caracterizou sempre por grande dignidade de carácter, servindo o seu país com valor e nobreza.

Como sucedeu a tantos outros homens de todas as latitudes, o regresso à vida normal constituiu uma decepção para Bob.

— O momento da minha vida em que me senti mais deprimido — declarou, anos depois, a um jornalista — foi ao regressar da guerra, quando quis recomeçar a minha carreira. O cinema lutava com falta de bons argumentos e passei muito tempo procurando um de que gostasse... E julgo que ainda não o encontrei...

Que acontecera realmente? Era, de facto, a falta de bons argumentos o que desorientava Bob? Não tinha falado com os directores da Metro, que sempre o haviam apreciado e a quem tanto devia? Em que consistia o desacordo?

Na realidade, Bob já ultrapassara os vinte e quatro anos e estava farto dos papéis de «menino bonito» que pareciam eternizar-se na sua carreira.

Desde a sua entrada para o cinema Bob lamentava o facto de o admirarem mais pela sua presença varonil do que pelo seu talento de actor. Sentia-se inferiorizado com a ideia de que era apenas um «menino bonito» e, depois de ter combatido na guerra, depois de ter visto a morte cara a cara tantas vezes, não podia suportá-la mais. Bob desejava dar outro rumo à sua vida de actor. Queria interpretar personagens varonis, heróis verdadeiros e reais.

Os directores da Metro negaram-se às suas aspirações. Houve um período de hesitações e desorientação. Por fim, o critério de Bob triunfou. E, depois deste compasso de espera, Robert, o «menino bonito», apareceu transformado num homem correcto, duro, incisivo. Filmou «Armadilha», «Traidor», «O Caminho do Diabo»... E quase em seguida passou a encarnar figuras históricas, o que lhe granjeou um novo e crescente êxito.

Quando a Metro lhe confiou o papel de Vinicio em «Quo Vadis?», Bob viveu um dos momentos de mais intensa emoção da sua carreira e até da sua vida. Depois de tantas experiências que, sucessivamente, lhe tinham proporcionado o êxito, o casamento e a guerra, encontrava, finalmente, a sua verdadeira personalidade.

Não podia surgir nada tão perigoso para Bárbara. Na realidade, os laços de amor que durante tantos anos a tinham unido a Bob, começavam a afrouxar, sem que ela se apercebesse do perigo iminente. Bob tinha cedido sempre perante as iniciativas e até imposições de sua esposa. Agora, pela primeira vez, as coisas modificavam-se, porque as exigências de Bárbara não podiam vencer a vontade própria do marido.

A viagem de Robert Taylor a Roma, para filmar «Quo Vadis», assinalou o fim de um casamento que, apesar de tudo, não tinha sido infeliz.

A rodagem de «Quo Vadis» prolongou-se por muito tempo, durante o qual Robert nunca deu sinais de desejar ter



Desde os seus sonhos de criança, Robert Taylor acalentava o desejo de cavalgar feliz para pelos campos. Mas, exteriorizando à «Metro» a sua pretensão de interpretar filmes de «cow-boys», responderam-lhe que o público o admirava como galã romântico e que nunca o aceitariam na figura de um vaqueiro. Robert Taylor não teve outro remédio senão conformar-se

a esposa a seu lado. Nos primeiros meses, a sua atitude justificava-se porque Bárbara tinha contratos a cumprir em Hollywood.

Como sentisse necessidade de passar férias junto do marido, Bárbara, cheia de ilusões, empreendeu uma viagem a Roma. Bob estava à sua espera no aeroporto e recebeu-a, solícito e amável, mas ela compreendeu que qualquer coisa tinha transformado o marido, cujo comportamento não lhe lembrava sequer o galã romântico a que estava habituada.

Decepcionada, não demorou muito tempo em Roma e regressou a Hollywood.



«QUO VADIS»



«A COROA E A ESPADA»

Repetições curiosas...

O cinema tem cada vez maior dificuldade em apresentar temas ou originais e cenas inéditas. Como que para dar mais validade a este conceito, quis o acaso que viessem para à nossa mesa de trabalho, estas fotografias, perfeitamente semelhantes entre si, de dois filmes diferentes: «Quo Vadis» e «A coroa e a espada». Porém, um outro facto causa ainda mais espanto... O leitor certamente que já o notou, se pôs os olhos nos rostos de Deborah Kerr e Kay Kendall? E, depois disto, digam lá que a vida se não repete...

«QUO VADIS»



«A COROA E A ESPADA»



Deixou de se vestir com ostentação, de conduzir o seu espectacular automóvel e de assistir a festas e reuniões.

Quando Bob regressou, finalmente, aos Estados Unidos, declarou em tom frio a sua mulher:

— Bárbara, tenho uma coisa importante para te dizer. Quero continuar a vida independente que desfrutei em Roma. Peço-te, pois, que me concedas o divórcio.

Bárbara não podia acreditar nos seus ouvidos. As palavras de Robert provocaram-lhe um choque nervoso e durante semanas esteve gravemente enferma. Quando, por fim, conseguiu serenar o espírito, não obstante a dor que a sua decisão lhe causava, disse a Bob:

— Durante estes onze anos de casamento fizeste-me muito feliz. Sempre acataste todos os meus desejos e até os meus caprichos e exigências. Não quero aborrecer-te agora negando-te o que me pedes. Sòmente desejo a tua felicidade.

★

A liberdade recuperada proporcionou a Bob a felicidade por que tanto ansiava? Durante algum tempo, viveu sempre só, pensativo e preocupado. Mais de uma vez, em confidências a um amigo íntimo, lamentou a sua crueldade para com a encantadora mulher ao lado da qual vivera onze anos da sua vida.

Como acontece sempre nos meios cinematográficos, os mexeriqueiros não cessavam de falar dos dois artistas, dando umas vezes como segura a reconciliação e afirmando outras que qualquer tentativa de paz resultaria inútil. Mencionavam-se, muitas vezes, os nomes de possíveis noivas de Robert. Mas nenhum destes boatos tinha fundamento.

Robert Taylor, cada vez mais apaixonado pela velha Europa, acabou por vir a Londres, para interpretar «Ivanhoe», ao lado de Elizabeth Taylor, um dos seus filmes mais coroados pelo êxito. Ainda

É um facto sobejamente conhecido que todos os grandes artistas de Hollywood, têm na sua carreira, pelo menos, um ou dois filmes de «cow-boys». Robert Taylor, porém, tem mais do que uma dezena no seu activo, o que se explica fàcilmente pela admiração que vota a este género de filmes. Ei-lo numa cena de «Caravana de Mulheres», em que conrtacenou ao lado da francesa Denise Darcel, sob a direcção de William Wellman.



Bilhete de Identidade de ROBERT TAYLOR

VERDADEIRO NOME: Spangler Arlington Brugh.
NATURALIDADE: Filley (Nebraska).
DATA DE NASCIMENTO: 5 de Agosto de 1911.
OLHOS: Azuis.
CABELOS: Pretos.
ALTURA: 1m,83.
PESO: 81 quilos.
DIVORCIADO de Bárbara Stanwyck (1939-1951).
CASADO com Ursula Thiess (24-6-1954).
PAI de Terrance (18-6-955).

em Londres, encarnou, com tanta dignidade como sedução, a figura de Lancelote em «Os cavaleiros da Távola Redonda», com Ava Gardner.

Bob entregava-se ao trabalho com frenesim. Dir-se-ia que sòmente se sentia feliz diante das câmaras.

Quando esteve a filmar «O vale dos Reis», no Egipto, os mexeriqueiros chegaram a afirmar que, à sombra das Pirâmides, Bob se tinha apaixonado sèriamente por Eleanor Parker, e que esta correspondia aos seus amores.

Mas isto não passou de mais um boato falso. O actor comentou o facto com naturalidade e sem afectação:

— Se me apaixonasse por todas as mulheres a quem beijo no cinema... ou vice-versa... ver-me-ia obrigado a partir-me aos bocados. Ainda recordo com horror o tempo em que os jornalistas escreviam que todas as mulheres que me beijavam profissionalmente estavam loucas por mim...

Como sempre, aconteceu o inesperado.



Actualmente, Robert Taylor filma «Saddle the wind», com John Casavetes. Eis o realizador Robetr Parrish ensaiando os dois artistas para uma cena do filme

No dia 24 de Junho de 1954, soube-se que Robert tinha comprado um anel de casamento que lhe custara 15.000 dólares colocando-o no dedo de Ursula Thiess, uma actriz alemã, pouco conhecida, divorciada e mãe de dois filhos.

O mundo cinematográfico mostrou-se surpreendido. Em mais de uma actriz viram-se sorrisos desdenhosos e de despeito... E desde logo choveram os comentários que auguravam pouca duração ao segundo casamento de Robert Taylor.

Mas, no próprio dia da boda, os jornalistas recolheram de Ursula esta declaração peremptória:

— O meu trabalho no cinema é secundário. Estou disposta a abandonar a minha carreira se o meu esposo o desejar, para me dedicar inteiramente ao nosso lar. Na realidade, a minha carreira cinema-



Um dos mais recentes filmes de Robert Taylor, «Os grandes deste mundo», com a alemã Elisabeth Mueller, foca o tema do mundo cruel e fechado daqueles para quem o poder não tem preço e que para o obter saltam sobre tudo e sobre todos. Robert desempenha o papel de um homem que arrisca um futuro brilhante ousando amar uma mulher de passado discutível

Robert Taylor e Ursula Thiess desfrutam a euforia de um casamento feliz. Ei-los em Madrid, onde estiveram o ano passado



Os últimos 3 filmes de Bob



Em «Duelo na cidade fantasma» (no título original: «The Law and Jake Wade»), Robert Taylor contracena com uma nova vedeta chamada Patricia Owens, cujo amor disputa com Richard Widmark. O filme tem a recomendá-lo o facto de ser dirigido por um realizador de talento: John Sturges



Apesar dos seus 47 anos, Robert Taylor não desfalece no seu afã de viver as mais tempestuosas cenas de amor com «estrelas» de primeira grandeza. Assim sucede em «Contrabando no Cairo» (Tip on a dead jockey) com Dorothy Malone



Em face do êxito de «A última caçada», a M. G. M. confiou novamente a Robert Taylor a interpretação de um filme do Oeste, cujo título português «Irmão contra irmão» («Saddle the wind» no original) revela, por si só, o clima dramático que o envolve. O principal papel feminino coube a Julie London, que abandonou os «night-clubs» pelos estúdios de Hollywood



De todos os filmes de Robert Taylor, merece destaque «A última caçada», precisamente o único que não exibe os seus atractivos físicos, o que aliás nada tem de estranho, porque o «ex-menino-bonito» de Hollywood já deu sobejas provas de ser um actor de génio. «A última caçada», de resto não tem apenas o interesse de uma interpretação magistral, porque se trata, na realidade, de um autêntico drama baseado na luta dos pioneiros do Oeste contra os búfalos que infestavam certas regiões. Neste filme, trabalharam ao lado de Robert Taylor, a novel Debra Paget, Lloyd Nolan e o apreciado actor inglês Stwart Granger, num papel notável

tográfica encontra-se no seu início, e embora de maneira alguma me desagrade, não creio que seja a minha única e verdadeira vocação...

E, ao proferir estas palavras, os olhos de Ursula fitavam Robert com tanto carinho e compreensão que o actor, apesar de habituado a encarar outros olhares profundos e românticos, se sentiu profundamente emocionado:

— Obrigado, meu amor. O meu maior desejo seria encontrar-te todos os dias à espera do meu regresso do estúdio, num ambiente totalmente diferente, rodeado dos nossos livros, dos nossos móveis... e dos nossos filhos...

Um longo beijo selou estas palavras, marcando para Bob o começo de uma vida no caminho da felicidade.

Quatro anos passaram.

Ursula já se retirou do cinema e vive hoje inteiramente entregue ao seu papel de esposa amantíssima e mãe extremosa. Robert tem, finalmente, uma encantadora filhinha chamada Terrance, que completou 3 anos no dia 18 de Junho...

FIM



No próximo número:

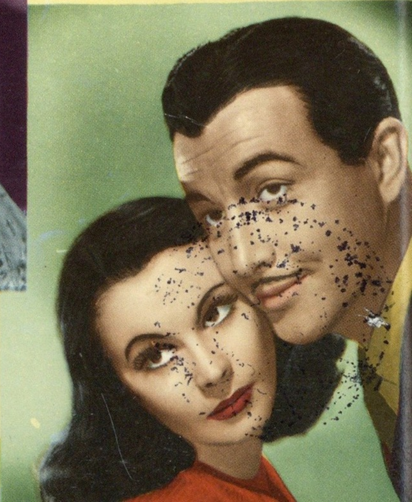
KIM NOVAK



a deusa loira que enfeitiça a América!







N. 26

PREÇO 2$00